

ENTRE DOIS MUNDOS: ITINERÁRIOS DE UMA TRAVESSIA MELANCÓLICA NA CONTEMPORANEIDADE E DO RETORNO À CASA PORTUGUESA PELO EXILADO DA TERRA EM *UMA VIAGEM À ÍNDIA*, DE GONÇALO M. TAVARES

BETWEEN TWO WORLDS: ITINERARIES OF A MELANCHOLIC CROSSING IN CONTEMPORARY TIMES AND THE RETURN TO THE PORTUGUESE HOME BY THE EXILED FROM THE LAND IN *A VOYAGE TO INDIA*, BY GONÇALO M. TAVARES

DOI: https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2024v27n2_a03

Rodrigo Felipe Veloso

E o mundo não tem metade
Porque nunca está inteiro [...],
O mundo nunca está completo:
Faltam pessoas que nos morreram
(Gonçalo M. Tavares, 2010, p. 207).

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir a memória enquanto ritual e melancolia na literatura contemporânea de Gonçalo M. Tavares intitulado *Uma viagem à Índia*, bem como identificar nos meandros do texto o paradoxo entre a travessia e o confronto, a descoberta de uma porta de saída na solução do enigma do viajante Bloom e a criação de um herói às avessas. Bloom comete o crime de matar o próprio pai e, portanto, esse é o motivo pelo qual o faz seguir viagem. “Buscar a água que o lave do seu crime irremível”. Além disso, o texto de Tavares apresenta um diálogo intertextual com a obra *Os Lusíadas*, de Luiz Vaz de Camões e um dos pontos de dissonância entre elas se revela na história de Portugal que o texto de Camões retrata e, por outro lado, no de Tavares descreve a história pessoal de Bloom, personagem central. Para tanto, utilizam-se como autores, a saber: Eduardo Lourenço (2010), Vitor Manuel de Aguiar e Silva (1974), Carlos Reis (2004), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Gonçalo M. Tavares; Luís de Camões; Tradição; Modernidade; Melancolia.

ABSTRACT: This article aims to discuss memory as ritual and melancholy in the contemporary literature of Gonçalo M. Tavares entitled *A voyage to India*, as well as identifying in the intricacies of the text the paradox between the crossing and the confrontation, the discovery of an exit door in solution of the traveler Bloom's enigma and the creation of a hero in reverse. Bloom commits the crime of killing his own father and, therefore, this is the reason why he continues his journey. "Seek the water that will wash him from his irredeemable crime." Furthermore, Tavares' text presents an intertextual dialogue with the work *Os Lusíadas*, by Luiz Vaz de Camões and one of the points of dissonance between them is revealed in the history of Portugal that Camões' text portrays and, on the other hand, in that of Tavares describes the personal story of Bloom, the central character. To this end, the following authors are used: Eduardo Lourenço (2010), Vitor Manuel de Aguiar e Silva (1974), Carlos Reis (2004), among others.

Keywords: Portuguese Literature; Gonçalo M. Tavares; Luís de Camões; Tradition; Modernity; Melancholy.

Introdução

[...] umbigo do mundo –
para onde deves dirigir o olhar,
por vezes os passos,
sempre o pensamento
(Gonçalo M. Tavares, 2010, p. 25).

Gonçalo M. Tavares é um escritor contemporâneo e como a condição de seu tempo prenuncia, ele consegue em meio à escuridão revelar os caminhos nos quais a lógica pode ser obedientemente vinculada tanto ao devaneio quanto à razão. Tavares é um dos principais nomes da literatura portuguesa contemporânea atual e José Saramago, ganhador do prêmio Nobel de literatura em 1998, certa vez, de maneira entusiástica, o elogiou pelo seu impressionante domínio da língua, mencionando, pois, que o escritor "não tem o direito de escrever tão bem aos 35 anos; dá vontade de lhe bater".

O livro *Uma viagem à Índia* é uma narrativa de viagem que se inicia em 2003

e finaliza em 2010, cujo personagem central trata-se de Bloom, que nesse itinerário formativo aprende e sente a melancolia do mundo contemporâneo. Vale lembrar que tal viagem empreendida pelo mar, no caso, de Vasco da Gama em *Os Lusíadas*, de Luiz de Camões em prol do registro da conquista de novos territórios e do poderio português de se chegar até à Índia, ou seja, simboliza o poder do império português no mundo e das grandes navegações, reiterando a conquista do coletivo, de um povo forte e destemido.

A partir de então, no mundo moderno, tal concepção expressa nova problemática, que é a do homem melancólico, frustrado por não poder ser como os que vieram antes, pois o tempo é outro, a história é outra, o lugar de fala mudou, a civilização deixou de ser antiga e gloriosa e impera, pois, a transição e a não permanência do já construído, mas sim, do que ainda tem de ser feito para se constituir enquanto sujeito em formação diante de um tempo novo e diferente do habitual historicamente.

Pode-se dizer que a narrativa-poética de *Uma viagem à Índia* constitui-se como um romance de formação que tem no personagem Bloom o exemplo fidedigno daquele que passa por etapas ritualísticas e que estas lhe são necessárias vivenciá-las nesse percurso, a fim de se tornar, o que, de fato, é na atualidade, uma espécie de reunir as partes fracionadas em busca de uma concretude, história de vida contada em forma de literatura. Para Vítor Manuel de Aguiar e Silva o romance de formação é o

[...] que narra e analisa o desenvolvimento espiritual, o desabrochamento sentimental, a aprendizagem humana e social de um herói. Este é um adolescente ou jovem adulto que, confrontando-se com o seu meio, vai aprendendo a conhecer-se a si mesmo e aos outros, vai gradualmente penetrando nos segredos e problemas de existência, haurindo nas suas experiências vitais a conformação do seu espírito e do seu caráter¹.

Intentamos, portanto, discutir e analisar a experiência de vida do

¹ SILVA, 1974, p. 68.

personagem-protagonista Bloom articulado com o processo ritual, que se designa sendo a transformação natural do indivíduo inserido em um contexto social de vivências e troca de informações diárias, especialmente mediante relações tecidas e construídas em contato com o outro e com a comunidade a qual está inserido e, por meio destas articulações, refletir sobre o estado melancólico do homem contemporâneo e suas vicissitudes.

Entre a sabedoria e o esquecimento: memória ritual e a melancolia contemporânea do indivíduo exilado em *Uma Viagem à Índia*

Falaremos da hostilidade que Bloom,
O nosso herói,
Revelou em relação ao passado,
Levantando-se e partindo de Lisboa
Numa viagem à Índia, em que procurou sabedoria
E esquecimento.
E falaremos do modo como na viagem
Levou um segredo e o trouxe, depois, quase intacto
(Gonçalo M. Tavares, 2010, p. 28).

A estrutura poética da obra *Uma viagem à Índia*, de Gonçalo Tavares acontece em forma de versos e estrofes. Os poemas são narrativos, uma narrativa escrita em versos, que se assemelha com a epopeia camoniana. Eis uma questão que se pretende descortiná-la ao longo do texto: por que escrever uma epopeia no mundo contemporâneo?

Semelhante situação com a obra de Camões, a narrativa de Tavares encontra-se em sua composição dez cantos e, além disso, possui igual número de estrofes, isto é, 1102. Ademais, o desejo latente do português no itinerário viajante de encontro com a Índia também revela tal similitude.

No primeiro canto da obra *Uma Viagem à Índia*, mais precisamente, na segunda estrofe, o personagem sobre quem os poemas narram se trata de Bloom:

“falaremos de Bloom/ e da sua viagem à Índia./ Um homem que partiu de Lisboa”². A ideia proposta pelo eu-lírico não é de exaltar os heróis, ou procurar encontrar a imortalidade, pelo contrário, centra-se no conceder valor ao que é mortal.

Nessa primeira parte do canto I, apresentam-se as expressões “não falaremos”, “não se trata”, ou mesmo, a repetição da palavra “não”. Tudo isso indica uma aflição do eu-lírico de se reafirmar como detentor da palavra e do poder que estabelece para si, ressoando no texto poético-narrativo uma visão, sobretudo, restritiva, no entanto, tal processo é limitante e se reduz a somente Bloom. Ele é o assunto do qual o eu-lírico, o narrador falará, das outras coisas, o esquecimento ganha força. Destarte, a sabedoria se instaura na imagem e força que Bloom carrega na sua composição verbal.

O nome Bloom significa "flor", "florescer", "prosperar" e sua origem deriva da língua protoindo-europeia. Nesse sentido, Bloom, percebido como ser em transformação passa por diversas etapas nessa viagem que o acondiciona a experimentar uma terra incógnita, evidenciando nessa travessia a aprendizagem do eu em formação, bem como uma regeneração de uma vida individual que se pretende esquecer do trágico passado.

Segundo Luigi Ricciardi (2019), com relação à obra *Uma viagem à Índia* menciona que:

Nessa espécie de paródia, Tavares nos apresenta Bloom, o personagem principal de sua epopeia. Imediatamente já se pode fazer uma relação com outra obra canônica da literatura mundial: Ulysses de James Joyce, cujo protagonista, “homônimo” do herói português, representa um novo tipo de herói. No início, há uma invocação, assim como na epopeia camoniana. Porém, já se percebe uma diferença clara: não se canta a glória do passado, nem os feitos dos heróis ou de um grande povo, mas de uma pessoa comum, sem poderes divinos nem força sobre-humana. É a epopeia de um sujeito comum³.

A epopeia que Bloom intenta experimentar reitera a passagem por Londres,

² TAVARES, 2010, p. 25.

³ RICCIARDI, 2019, s.p.

inicialmente, e na sequência, Paris. Em Londres, o protagonista está “[...] só e sem dinheiro / e sem ninguém conhecer. Procura amigos/ ou outra coisa?”⁴. Bloom decide almoçar com três homens estranhos, mas bons de conversa e, posteriormente hospeda-se na casa deles, onde conhece o pai que o presenteia e, posteriormente, “os quatro queriam roubar Bloom/ (a sua mala preciosa)/ ou mesmo, quem sabe, matá-lo”⁵. Bloom briga com os quatro homens que devido apanharem conseguem fugir temerosos e como retaliação decidem se vingar de Bloom combinando com o amigo Thom C, que levasse o protagonista para uma armadilha, mais precisamente em um apartamento nos subúrbios de Londres, onde os três homens armados o aguardavam.

Quando se acreditava que a história teria um término na passagem de Bloom por Londres, outra se inicia e, nesse caso, surgia à prima de Thom C, que sabia do plano de vingança contra o protagonista e ele, sem saber disso, se interessou em conhecê-la, “Maria é a mais erótica das primas, dizia Thom C,/ e tal argumento sensibilizava Bloom”⁶. Ademais, “Maria E convidou, então, delicadamente, Thom C/ e o seu amigo Bloom a entrarem, oferecendo-lhes de imediato/ poltronas cômodas, whisky perfeito, aperitivos, [...]./ Esta é a melhor região de Londres, disse Bloom”⁷.

Os homens estavam em outro apartamento, aguardando Bloom que ali iria se repousar a convite de Maria E, porém no momento de clarividência, do despertar da consciência, o protagonista resolve sair do prédio, suspeitando de alguma armação contra ele: “Do 3º esquerdo, os assassinos, à distância, vendo Bloom/ falar com a polícia, perderam então subitamente o método. [...]. Foi assim que Bloom, espantado, viu Thom C fugir/ pelas escadas de serviço, logo seguido de Maria E [...]”⁸.

Esse ritual de vida diante do (des) conhecido não acontece como em um jogo no tabuleiro em que se conhecem as peças, os amigos e inimigos, pelo

⁴ TAVARES, 2010, p. 41.

⁵ TAVARES, 2010, p. 56.

⁶ TAVARES, 2010, p. 62.

⁷ TAVARES, 2010, p. 70.

⁸ TAVARES, 2010, p. 79.

contrário, em meio à escuridão trilha-se um caminho inóspito tendo somente a segurança da sabedoria adquirida de outros rituais vivenciados e, a partir de então, tal evento servirá como guia do percurso natural das coisas no mundo. “O Destino não é, pois, uma decisão unívoca/ de um tribunal que só se sabe desenhar linhas retas./ É um somatório estranho/ - do peso que das circunstâncias que se sucedem/ sobre a cabeça de um homem [...]”⁹.

Zygmunt Bauman pontua que o indivíduo contemporâneo devido não alcançar sua integração em nenhum grupo que participe da construção de sua identidade, este, por sua vez, tende a designar uma identidade individual e fluída:

foi uma peça de um ato: é uma atividade reencenada diariamente. A sociedade moderna existe em sua atividade incessante de “individualização” assim como as atividades dos indivíduos consistem na reformulação e renegociação diárias da rede de entrelaçamentos chamada “sociedade”¹⁰.

A condição existencial de Bloom é de ser contraditório e ambíguo. Isso porque ele é um ser fluído que não se estaciona e ou se adequa em somente um lugar, é um indivíduo transitório, mutante que segue seu fluxo e jornada em busca do desconhecido, assim como o elemento água que segue seu curso natural e inventa novos modos de existência, bem como traz em sua composição tanto o ato de “matar” (alimentar) a sede, quanto de afogar.

O mar enquanto elemento da memória ritual representa um comportamento ambivalente e paradoxal ligado ao indivíduo, ou seja, a relação entre vida e morte é uma constante para quem adentra ao mar, pois diferente do elemento terra que dá sustentação ao homem, o mar, por sua vez, não favorece estabilidade e a morte pode ocorrer. Nesse sentido, pensar na conceituação simbólica do mar denota-se a transmutação, metamorfose das coisas e de si mesmo. Bloom ao perder Mary, mulher que amava e foi morta a mando do pai devido ser pobre e não se adequar a sua condição econômica, em um rompante de fúria e raiva, mata o próprio pai.

⁹ TAVARES, 2010, p. 84.

¹⁰ BAUMAN, 2001, p. 28.

Há de elogiar, nesta altura, a personagem central, o nosso herói: Bloom. Vem de uma tragédia familiar: Mary, a sua amada, por razões não totalmente claras, havia sido assassinada por ordem de seu pai, que Bloom sempre admirara, mas que logo matara em vingança. Sem amor e com sangue paterno nas mãos Bloom havia decidido fazer uma viagem à Índia, mas, sensato, percebera que o importante era demorar muito tempo a chegar onde queria chegar. E tanta paciência depois de tanta violência, só pode ser admirada¹¹.

Tal episódio nos faz recordar da personagem Inês de Castro, presente no Canto III (situação semelhante no caso da morte de Mary, descrita também no Canto III) d'Os *Lusíadas*, que narra o trágico romance de D. Pedro I e Inês, no entanto, ela por possuir ascendência castelhana e por atrapalhar os planos do reinado de D. Afonso IV, este autoriza a sua morte.

A linhagem familiar para Bloom é algo vergonhoso, pois o seu desejo de fuga acontece devido à dor da perda da mulher amada e a profanidade de um parricídio. Com efeito, a viagem que ele empreende encontra atualizações na cena do Velho do Restelo, haja vista que pode ser compreendida sendo a ambivalência das conquistas das navegações portuguesas contadas por Camões e, por conseguinte, tal acontecimento narrado no ponto áureo da epopeia camoniana (Canto IV).

Com isso, tem na presença do Velho do Restelo, a voz incongruente, contrária e crítica à viagem que Camões realiza e pretende aclamar. O Velho do Restelo é a consciência d'Os *Lusíadas* e Bloom é uma figura ambivalente em *Uma viagem à Índia*, mas sabe caminhar em busca da memória do futuro, o passado histórico de seu povo serve de trampolim para viver novas estações e paradas e, além disso, o faz desejar ir para à terra do oriente. A Índia na sua percepção se torna o local onde encontrará a sabedoria dentro da mística (projeção e imaginário ocidental com relação ao oriente), entretanto, encontra hostilidade.

¹¹ TAVARES, 2010, p. 234.

Bloom protegeu-se, em esconderijo perfeito,
dos discípulos de Shankra que o perseguiam.
E, enquanto esperava que a negociação de Anish
resultasse, não pôde deixar de se lembrar do
tanto que já passara na longa viagem,
primeiro na Europa, agora na Índia propriamente
dita. Querendo fugir dos sofrimentos
do passado, e pensando encontrar na Índia a crença
e os homens luminosos que a Europa da ciência não
encontrara, eis que chega a isto: é terça-feira
num continente gigante, e Bloom está numa cova escura
e apertada, curvando sobre si mesmo com um lobo
que tem medo¹².

O medo que Bloom sente revela semelhança no episódio camoniano “O Gigante Adamastor”, uma vez que tal personagem mítico simboliza os perigos e os enigmas que se mostram ao homem, especialmente pelo desejo e necessidade de conhecer e descobrir o mundo. Nesse quesito, o indivíduo deve superar seu próprio medo, pois a vitória advém dessa primeira etapa de conhecimento de si mesmo (concepção do Humanismo). O Gigante Adamastor é, sobretudo, uma figura mitológica criada por Camões no Canto V e projeta o ritual de passagem do mundo conhecido (ocidente) para o desconhecido (oriente), que os portugueses tiveram de navegar.

A mitologia da coragem que existe à volta de um marinheiro
é certamente justa. [...]
um homem que entra num barco
de pés descalços para pescar não é apenas um homem hábil
e de mãos grossas a sustentar-se no dorso do mar:
é, em homem, aquilo que de mais corajoso se pode ser
sem competir com os Deuses¹³.

Dessa etapa vencida por Bloom onde demonstra coragem no transpor os obstáculos e dificuldades empreendidas no “mar” (interior obscuro de si mesmo)

¹² TAVARES, 2010, p. 336.

¹³ TAVARES, 2010, p. 209.

traduz que o seu estado de sítio, ou melhor, de liminaridade e margem no processo ritual, se direciona a nova fase: “venho de grandes tragédias, mas continuo consumidor./ A vida não para – pensou Bloom -/ ainda estamos vivos enquanto podemos comprar”¹⁴. E continua: “E a água é esse elemento/ mitológico que durante milênios/ preparou lentamente os barcos (pois tinha apetite de naufrágios)./ [...] o mar é elemento bruto, elemento/ semelhante às florestas onde o homem receia entrar”¹⁵.

Bloom ao cometer o crime de assassinar seu pai, comete um crime maior que é o de romper com o plano superior. Para conseguir se retificar, ele se extravia em uma jornada, sem saber qual caminho seguir, descobre que através do sonho pode criar um mundo para si mesmo. Isso ocorre depois de ter chegado a Paris e sofrer algumas perturbações.

E Bloom sonhou. Especulações abstratas e fugas do
[planeta
através de escadas que voam, a Natureza a ser cortada
em dois como um bolo de anos:
metade da realidade com uma vela ridícula a ser apagada
pelo seu sopro. Sonhou ainda com uma nuvem
que não subia mais que três metros acima do solo:
e crianças no escadote a empurrá-la para cima.
E no tal sítio que não se sabe onde é,
sítio onde aparecem os sonhos,
apareceu-lhe ainda um país repugnante e húmido
composto de lama e de um palco elevado por estacas
em que os habitantes faziam o que todos os habitantes
[fazem,
mas um pouco mais acima.
E entre muitas outras invenções e misturas da cabeça.
Bloom sonhou ainda com Paris¹⁶.

Na obra *Os Lusíadas*, Camões narra no canto IX e X o mito da Ilha dos Amores. Nesse episódio é descrito a vontade de Vênus em recompensar os heróis

¹⁴ TAVARES, 2010, p. 213.

¹⁵ TAVARES, 2010, p. 248.

¹⁶ TAVARES, 2010, p. 92.

lusitanos, que durante longa viagem anseiam por descanso e, mais do que isso, a deusa concede a eles os prazeres divinos, numa ilha paradisíaca, em meio ao oceano, nomeada de Ilha dos Amores.

Nessa ilha, os navegantes portugueses descobririam várias preciosidades que a natureza e as encantadoras Nereidas (divindades das águas, irmãs de Tétis) podiam oferecer, ou seja, desde alimentos até o entusiasmo dos jogos amorosos. Ademais, um banquete é concedido pela ninfa Sirena e, sobretudo, durante essa cerimônia, ela canta profecias aos marinheiros portugueses, dentre eles, as conquistas futuras no Oriente.

Dentro dessa perspectiva, a ninfa Tétis leva Vasco da Gama até o ponto mais “alto e divino” de um monte e lhe apresenta a “máquina do mundo” (uma fábrica de cristal e ouro puro), ao qual somente os deuses tinham ingresso e, a partir de então, seria um benefício também aos lusitanos. E, depois de repousarem na ilha, os portugueses seguem caminho em direção a Lisboa.

Comparativamente ao episódio da Ilha dos Amores camoniano, Tavares constrói a imagem divina sendo responsável pela criação das coisas no mundo, inclusive sendo aquele que “remenda o tecido amoroso”:

Mas em cada manhã um corpo é inaugurado;
um único sono pode ser um século,
uma noite serve para mudança de hábitos e língua
e o sono pode ainda ter forma para te mudar
a memória: adormece, pois.
Deus não é uma ilha. Com cuidados femininos, Ele
irá remendar o teu tecido amoroso. Aguarda, Bloom.
(E ele assim fez, o bom do Bloom)¹⁷.

Em *Uma viagem à Índia*, Tavares ainda descreve essa ilha sendo o espaço do bordel em que as mulheres prostitutas realizarão os desejos dos homens, em especial, de Bloom:

Naquela casa havia ainda um sistema de luzes

¹⁷ TAVARES, 2010, p. 163.

semelhante a um jogo: a ciência exata de iluminar e escurecer; uma metáfora em lâmpadas do outro jogo: o da sedução. Eletricidade que se esconde e exibe, eis o que cada mulher traz o mundo quando seduz; e Bloom sorri, entretanto, para a prostituta que relata ainda a vida nada poética que teve¹⁸.

Bloom nessa experiência da alquimia do amor reconhece o seu comportamento sendo paradoxal, pois em meio à luz e a escuridão concentra-se na busca do equilíbrio entre corpo e alma, todavia, parece, mais uma vez, difícil tal conciliação: “Bloom levantava-se e quase salta/ em direção ao teto;/ parte de um copo, as vísceras balançam. Vinho a cercar o coração, diz Bloom, o nosso herói/ - que está maldisposto e melancólico./ (Uma mulher morreu. Bloom amava- a)”¹⁹.

Bloom é um sujeito errante e (des) orientado, representa a figura de um anti-herói deslocado, um exemplo de homem contemporâneo melancólico com sua posição e atuação social, especialmente depois da morte de sua mulher, Mary, pois tal tragédia despertou nele gatilhos que o levaram a fuga e, posteriormente, a cometer outros crimes.

O protagonista é anti-herói, porque não se adequa de maneira contrária a essa classificação, ou seja, um herói privilegia viver a vida, do que fugir dela e, além do mais, projeta ações que se configuram como energia transformadora e não redutora de si mesmo, o tornando impotente e implodido. Bloom diferentemente dessa posição, intenta fuga decorrente da morte do pai e não consegue fazer uma ação imponente, não consegue realizar justiça contra quem o atacou em Londres, Paris e Índia e, sobretudo, acaba sendo procurado pela polícia no regresso a Lisboa pelo cometimento de dois homicídios:

Bloom regressou a Lisboa
por uma porta negra.
Um amigo avisou-o de imediato:
a polícia procura-te por dois assassinatos

¹⁸ TAVARES, 2010, p. 410.

¹⁹ TAVARES, 2010, p. 41.

- um aqui e outro em Paris,
a tua mãe morreu há meses. Não deixou cartas, nem herança.
Bloom está assim só – como partiu –
E é perseguido, esconde-se, foge²⁰.

Stuart Hall descreve que uma das consequências da globalização se deve essencialmente a de que “as identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global””²¹. Dessa maneira, a construção das identidades a nível nacional se mostra em decadência, no entanto, novas identidades vistas como híbridas estão a assumir seu lugar de atuação. O protagonista Bloom é acometido por essa identidade coletiva em declínio, visto que ele não se identifica com a coletividade portuguesa e, portanto, não representa a identidade nacional. A identidade de Bloom é fragmentada, pois não é composta de uma, mas sim, de várias identidades e, por muitas vezes, elas não se complementam. Assim sendo, Bloom vive sua individuação e para Hall trata-se de um sujeito individual na coletividade.

O desejo de Bloom em retornar para casa se devia ao encontro com a “mãe” e essa proteção não somente está ligada à condição materna, mas também à pátria portuguesa e, portanto, o luto e a melancolia do protagonista se tornam latentes, bem como a ausência da mulher Mary o faz “querer chorar, mas o corpo não encontrava o itinerário/ certo./ Olha em redor: ninguém o conhece./ Olha para o espelho: quem é este?”²².

Bloom sendo um homem ritualizado passou por diversas experiências e se tornou sábio, principalmente ao aprender com as dificuldades e adversidades da peregrinação que realizou e nesse percurso ser um homem de ação seria uma incógnita e, assim, ele preferiu ser um homem que detém o pensamento, em busca do aprender, não tomando, sobretudo, decisão sobre muitas coisas e se inclinando mais para ao ato de observar a sua realidade sociocultural.

²⁰ TAVARES, 2010, p. 449.

²¹ HALL, 2006, p. 18.

²² TAVARES, 2010, p. 450.

Foi corajoso e covarde,
fugiu e aproximou-se da estranheza.
Quando estava forte percebeu que o seu dever
era aproximar-se
e quando estava fraco que o melhor instinto
era afastar-se.
Mas não rodeou a estranheza e não a ignorou²³.

Nesse sentido, Bloom privilegiando a aprendizagem das coisas leva na misteriosa mala alguns itens que revelam sua identidade e personalidade, ou seja, constam na mala: uma Bíblia, e dois livros da Antiguidade Clássica (que o salvará na Índia). “Tem na mala o <<Mahabarata>> em edição rara”²⁴. Entretanto, ao retornar a Lisboa, Bloom se despe de tudo que carregava anteriormente consigo e oferece a mala valiosa a um velho: “gostava de oferecer-lhe esta mala/- diz, de súbito, Bloom ao velho simpático que treme de frio. - / chamado <<Mahabarata>>; vale dinheiro, e muito”²⁵. É contraditório esse comportamento de Bloom, pois a mala que carregou em diversos lugares, foi alvo de subtração e que possui objetos dentro dela que denotam sabedoria e respeito à tradição clássica, passa então, a ser aliada de um velho, que no conhecimento popular representa o homem experiente e sábio.

Vale lembrar que tais elementos que Bloom levava consigo não representava e ou tinha origem portuguesa, bem como o seu nome não tem ligação com as raízes portuguesas devido onomástica.

Eduardo Lourenço (2013) menciona que a viagem à Índia, trajetória angariada por Bloom, repetindo o feito da nau portuguesa no passado glorioso,

é uma real e singular «peregrinação», um desejo de conhecer realmente o Outro diferente de «nós» que culturalmente somos como europeus e, em particular, como portugueses que há muito já não somos os «cristãos» orgânicos que durante séculos fomos. Como europeus nós vivemos, prosaicamente, uma espécie de «deserto» que nem é o mítico e sublime Deserto de Pessoa. O antigo projeto «fanático» de dominar e controlar a vida e conhecer

²³ TAVARES, 2010, p. 433.

²⁴ TAVARES, 2010, p. 432.

²⁵ TAVARES, 2010, p. 451.

o seu sentido não é já crença viva. Como se a Europa estivesse cultural e vitalmente cansada. Como se a mensagem e o exemplo «vivo», se assim se pode dizer, da Índia fossem afinal mais sábios e mais verdadeiros que ser os deuses de nós mesmos, curiosamente no momento em que a Índia (a Índia mítica) acorda do seu voluntário sonho que não separa a Realidade da Ilusão, a Europa vive, melancolicamente, como um continente que já não se projeta num Futuro que simbolicamente a coroava se não da mítica Felicidade e ainda menos da Beatitude de Sentido²⁶²⁶.

Essa peregrinação que Bloom intentou realizar demonstra e constrói um discurso de que no mundo contemporâneo as coisas mudaram, o lugar que os desbravadores portugueses ora ocupavam no passado não é mais o mesmo e que, a partir de então, a ilusão de repetir o já consagrado não é real. Essa perspectiva contraproducente revela uma faceta do protagonista que é cara ao ditame coletivo e histórico de um povo, que se trata do cansaço, da fadiga e se resume em um indivíduo que tem medo e sente frio quase todo o tempo, pois agir o paralisa, mas o pensar o torna o mais fiel escudo que possa ter consigo. “E Bloom tem medo/ [...] Bloom tem medo e reza”²⁷.

Considerações finais

Em *Uma viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares, as viagens empreendidas por Bloom pelas cidades de Londres, Paris, Índia e Lisboa só se realizaram no interior do próprio protagonista. A viagem que é uma fuga de si mesmo nunca teve êxito, pois o tédio o assolava. Bloom possuía um tom sabotador no trato da sua vida cotidiana, a sua ironia e sarcasmo são marcas de sua personalidade. Isso porque mesmo diante de acontecimentos trágicos, ele não demonstrou preocupação e importância, pelo contrário, manifestou-se frígido e, por isso, é ainda capaz de tomar um copo d’água ou vinho, como se nada tivesse acontecido, o que assinala ser uma pessoa ainda mais violenta do que pensávamos.

²⁶ LOURENÇO, 2013, p. 15.

²⁷ TAVARES, 2010, p. 274.

Estudar, portanto, a obra *Uma viagem à Índia*, sob os preceitos da memória ritual e da melancolia que acometeu Bloom suscita uma (re) atualização temporal, determinando nesse percurso muitas intempéries, mas sob o signo de esperanças renovadas. Saber e sentir são condições essenciais para se ler Camões, autor clássico português, que Tavares retoma na composição de sua obra e com o qual dialogamos comparativamente, mostrando a presença da memória de uma cultura cujo vigor e resistência se consagram e, contudo, ultrapassa os limites da temporalidade.

Referências Bibliográficas:

- ARISTÓTELES. Problema XXX,1. In: Jackie PIGEAUD. *O homem de gênio e a melancolia*. Rio de Janeiro, Lacerda Editora, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. de Plínio Dentzian. Rio de Janeiro: Polity Press, 2001.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora, 2021.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 4^a ed. São Paulo: Ática, 2006.
- FARIA, Almeida. *O murmúrio do mundo: a Índia revisitada*. Rio de Janeiro: Tinta-da-China, 2013.
- FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Obras completas, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- GEDEÃO, Antonio. *Máquina de fogo*. Portugal: Biblioteca Nacional, 1961.
- GIDDENS, Anthonny. *Modernidade e Identidade*. Trad. Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LOURENÇO, Eduardo. A dupla viagem. In: FARIA, Almeida. *O murmúrio do mundo: a Índia revisitada*. Rio de Janeiro: Tinta-da-China, 2013.
- LOURENÇO, Eduardo. “Uma viagem no coração do caos”. In: Gonçalo M. Tavares. *Uma viagem à Índia*. São Paulo: Leya, p. 13-20, 2010.
- REIS, Carlos. A ficção portuguesa entre a Revolução e o fim do século, *Scripta*, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 15 – 45, 2004. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12566>. Acesso em: 04 abril 2024.
- RICCIARDI, Luigi. *Por mares já navegados*. Londrina/ PR: Acrópole Revisitada, 2019.
- SCLIAR, Moacyr. *A melancolia na literatura*. Cad. Bras. Saúde Mental, Vol 1, no1, jan-abr. 2009.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *A estrutura do romance*. Coimbra: Livraria

Almedina, 1974.

VECCHIO, Daniel; ROANI, Gerson. A viagem continua: as memórias reescritas de Vasco da Gama, *Letras*, Santa Maria, v. 49, p. 175-197, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/16599/10107>. Acesso em: 05 abril 2024.

TAVARES, Gonçalo M. *Uma viagem à Índia*. São Paulo: Leya, 2010.

Breve currículo do autor

Rodrigo Felipe Veloso possui graduação em Letras Português pela Universidade Estadual de Montes Claros, pós-graduação em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna pelas Faculdades Unidas do Norte de Minas Gerais, mestrado em Letras: Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros e doutorado em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Comparada e Linguística.